

Relatório Analítico dos Investimentos

em março e 1º trimestre de 2026

Assistência à Saúde

Fundo	Resgate Carência	Saldo	Particip. S/ PL	Cotistas	% PL Fundo % RPPS/Fundo
21.743.480/0001-50 BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+0 Não há	5.283.080,33	16,73%	521	0,07%
11.328.882/0001-35 BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	D+0 Não há	5.401.868,30	17,11%	1.194	0,05%
07.111.384/0001-69 BB IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	D+1 Não há	4.031.272,48	12,77%	494	0,15%
10.740.670/0001-06 CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	D+0 Não há	2.322.366,50	7,36%	1.141	0,02%
35.292.588/0001-89 BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	D+3 Não há	3.692.186,32	11,69%	465	0,08% 58,40% 19 III § 2º
13.077.418/0001-49 BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI PREVIDENCIÁRIO LP	D+0 Não há	1.605.655,61	5,09%	1.291	0,01% 52,10% 19 III § 2º
03.737.206/0001-97 CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI LP	D+0 Não há	5.353.164,24	16,95%	1.283	0,02% S/Info
05.164.364/0001-20 CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+0 Não há	3.854.948,30	12,21%	54	2,35% S/Info
11.902.276/0001-81 21 §2º I RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+3 ou ... 90 dias	29.426,86	0,09%	19	1,22% 100,00% 19 III § 2º

PL Total: R\$ 31.573.968,94

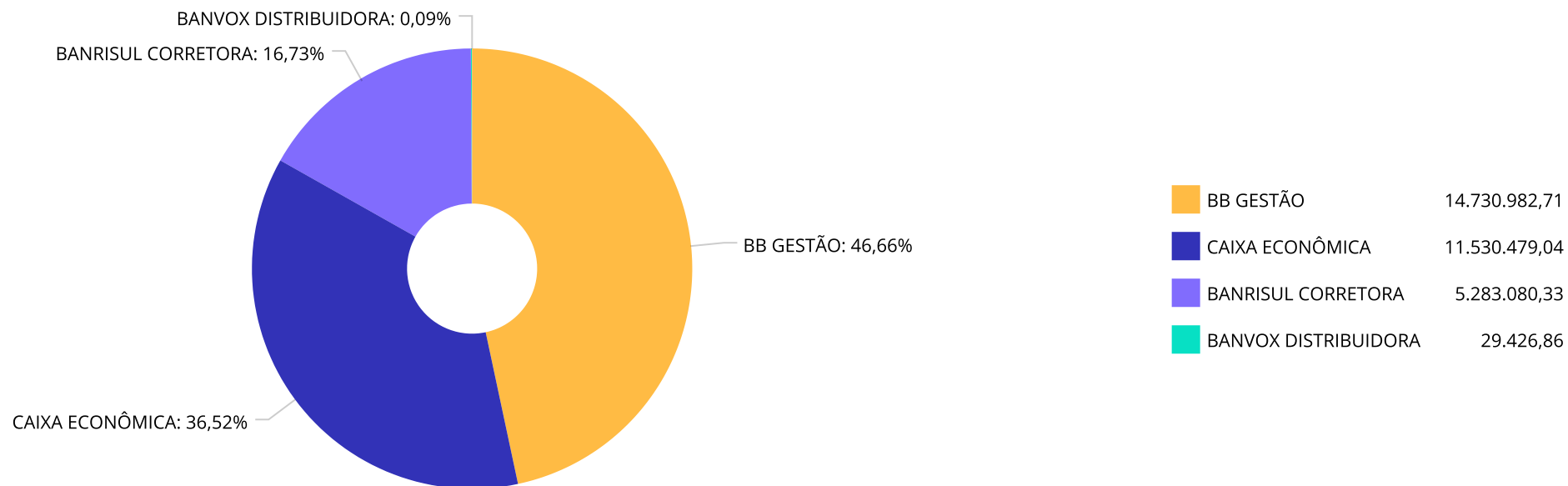
PL Adm: R\$ 7.478.070,38

PL Assistência: R\$ 24.095.898,56

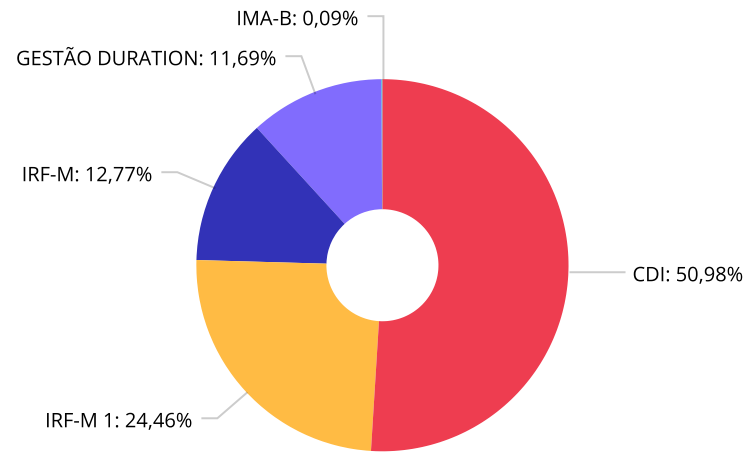
Retorno dos investimentos e Benchmark's de ativos no mês de Março/2026 - RENDA FIXA

	Mês	Ano	3M	6M	12M	24M	VaR Mês	Volatilidade 12M
IRF-M 1 (Benchmark)	1,02%	3,28%	3,28%	6,96%	14,71%	26,63%	-	-
BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREV...	0,98%	3,20%	3,20%	6,79%	14,35%	25,84%	0,32%	0,30%
CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIX...	0,98%	3,21%	3,21%	6,83%	14,46%	26,10%	0,32%	0,30%
IMA-B (Benchmark)	0,17%	2,98%	2,98%	6,51%	12,66%	13,50%	-	-
RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	-5,34%	6,07%	6,07%	-5,43%	-23,72%	-48,87%	10,56%	22,98%
IRF-M (Benchmark)	-0,59%	2,36%	2,36%	5,82%	15,65%	21,23%	-	-
BB IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA PREVIDENCI...	-0,63%	2,28%	2,28%	5,66%	15,34%	20,61%	3,19%	3,19%
CDI (Benchmark)	1,21%	3,41%	3,41%	7,12%	14,79%	27,72%	-	-
BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	1,25%	3,45%	3,45%	7,16%	14,81%	27,77%	0,01%	0,05%
BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI PREVID...	1,19%	3,43%	3,43%	7,16%	14,84%	27,90%	0,02%	0,04%
CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI LP	1,18%	3,39%	3,39%	7,09%	14,79%	27,92%	0,02%	0,04%
CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	1,13%	3,38%	3,38%	7,03%	14,55%	27,13%	0,15%	0,14%
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA ...	1,28%	3,54%	3,54%	7,17%	14,49%	24,76%	0,38%	0,33%

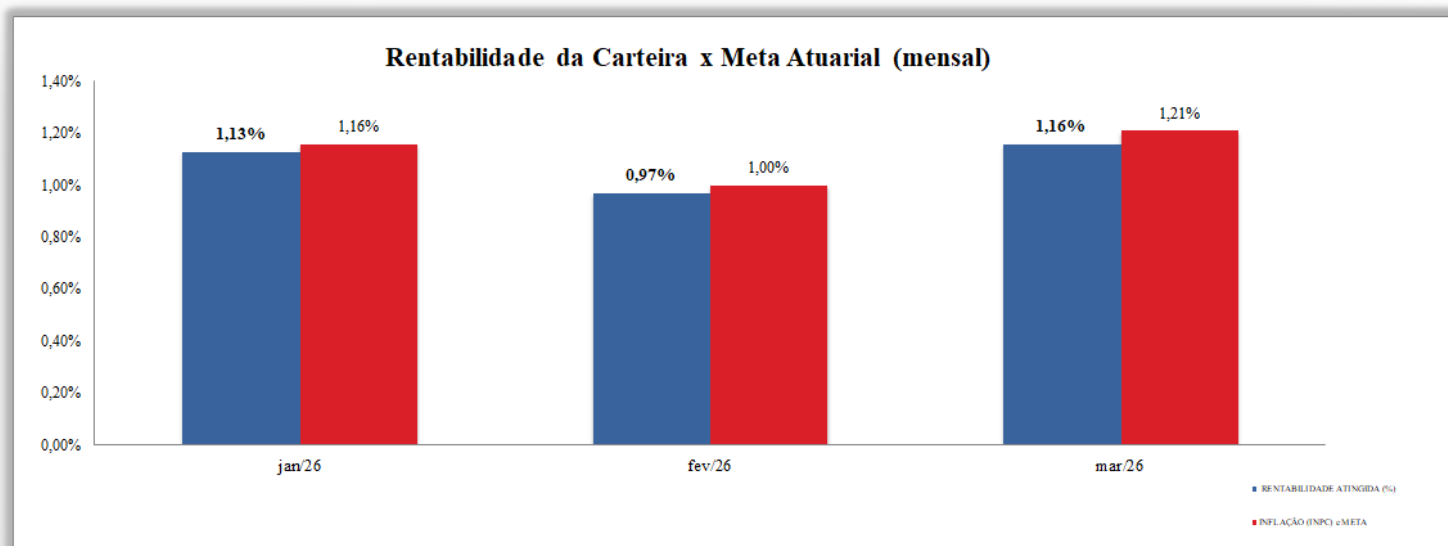
Distribuição dos ativos por Administradores - base (Março / 2026)



Distribuição dos ativos por Sub-Segmentos - base (Março / 2026)



■ CDI	16.096.848,48	■ IRF-M 1	7.724.234,80	■ IRF-M	4.031.272,48	■ GESTÃO DURATION	3.692.186,32
■ IMA-B	29.426,86						

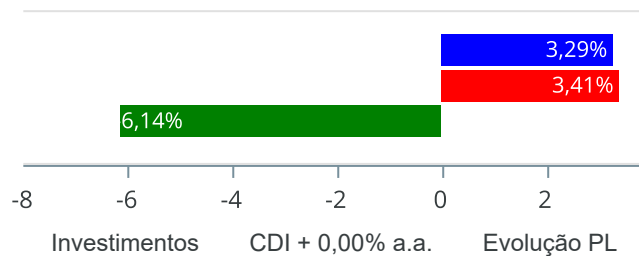


Fonte: IPASEM NH

Retorno e Meta de Rentabilidade acumulados no ano de 2026

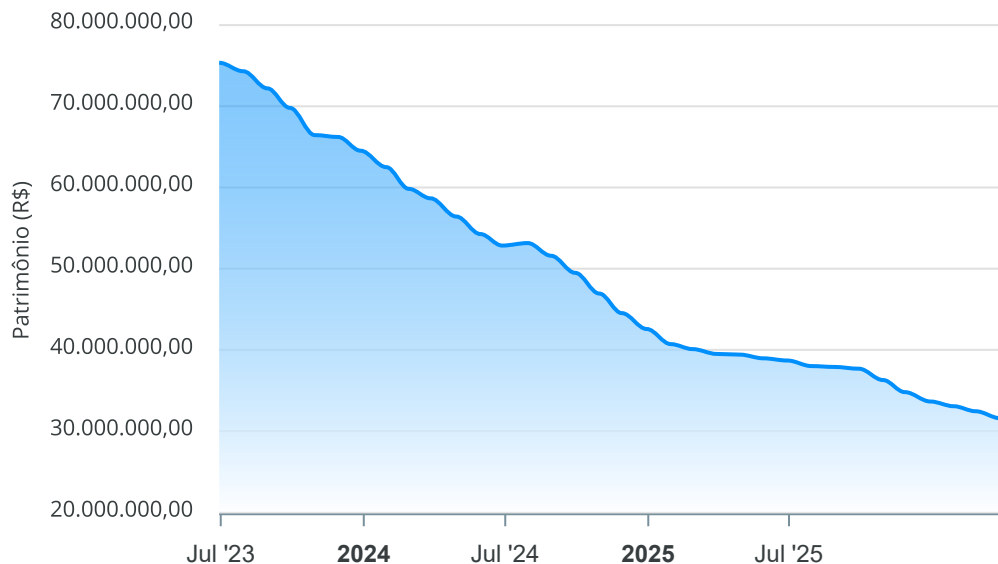
Mês	Saldo Anterior	Aplicações	Resgates	Saldo no Mês	Retorno	Retorno Acum	Retorno Mês	Retorno Acum	Meta Mês	Meta Acum	Gap Acum	VaR
Janeiro	33.638.760,93	2.570.000,00	3.530.550,44	33.056.826,28	378.615,79	378.615,79	1,13%	1,13%	1,16%	1,16%	96,68%	0,06%
Fevereiro	33.056.826,28	3.862.000,00	4.798.063,19	32.441.149,50	320.386,41	699.002,20	0,97%	2,11%	1,00%	2,17%	96,91%	0,08%
Março	32.441.149,50	7.968.000,00	9.211.000,00	31.573.968,94	375.819,44	1.074.821,64	1,16%	3,29%	1,21%	3,41%	96,38%	0,57%

Investimentos x Meta de Rentabilidade x PL



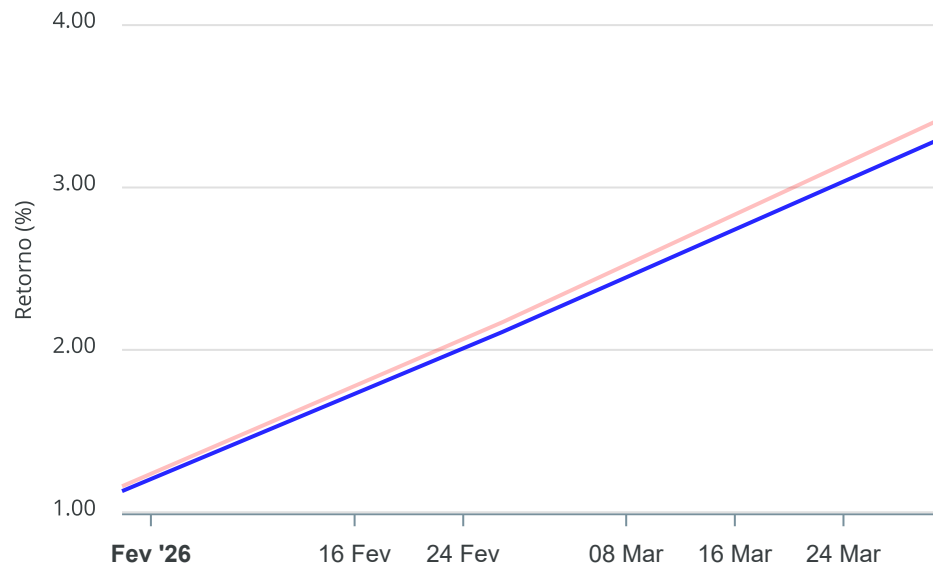
Gráficos ilustrativos de Evolução Patrimonial e indicadores

Evolução do Patrimônio



Comparativo

ANO 36M



- Investimentos Meta de Rentabilidade CDI IMA-B
- IMA-B 5 IMA-B 5+ IMA Geral IRF-M IRF-M 1
- IRF-M 1+ Ibovespa IBX SMLL IDIV

Retorno dos Investimentos após as movimentações (aplicações e resgates) no mês de Março/2026

FUNDOS DE RENDA FIXA

Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior	Aplicações	Resgates	Saldo Atual	Retorno (R\$)	Retorno (%)	(%) Instit	Var - Mês
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF ...	3.645.690,35	0,00	0,00	3.692.186,32	46.495,97	1,28%	1,28%	0,38%
BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	5.217.676,75	0,00	0,00	5.283.080,33	65.403,58	1,25%	1,25%	0,01%
CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENC...	5.290.769,66	0,00	0,00	5.353.164,24	62.394,58	1,18%	1,18%	0,02%
CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA ...	3.811.944,19	0,00	0,00	3.854.948,30	43.004,11	1,13%	1,13%	0,15%
CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITAD...	2.299.919,04	0,00	0,00	2.322.366,50	22.447,46	0,98%	0,98%	0,32%
BB IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA ...	0,00	4.000.000,00	0,00	4.031.272,48	31.272,48	0,78%	-0,63%	3,19%
BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFEREN...	4.203.570,80	0,00	2.628.000,00	1.605.655,61	30.084,81	0,72%	1,19%	0,02%
BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC ...	7.940.492,53	3.968.000,00	6.583.000,00	5.401.868,30	76.375,77	0,64%	0,98%	0,32%
RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	31.086,18	0,00	0,00	29.426,86	-1.659,32	-5,34%	-5,34%	10,56%
Total Renda Fixa	32.441.149,50	7.968.000,00	9.211.000,00	31.573.968,94	375.819,44	1,16%		0,57%

Retorno dos Investimentos após as movimentações (aplicações e resgates) no 1º Trimestre/2026

FUNDOS DE RENDA FIXA

Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior	Aplicações	Resgates	Saldo Atual	Retorno (R\$)	Retorno (%)	(%) Instit
BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC ...	7.793.863,76	9.982.000,00	12.597.000,00	5.401.868,30	223.004,54	1,25%	3,20%
BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	5.344.881,71	0,00	241.613,63	5.283.080,33	179.812,25	3,36%	3,45%
CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENC...	5.177.547,35	0,00	0,00	5.353.164,24	175.616,89	3,39%	3,39%
BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFEREN...	5.749.488,53	418.000,00	4.701.000,00	1.605.655,61	139.167,08	2,26%	3,43%
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF ...	3.565.954,10	0,00	0,00	3.692.186,32	126.232,22	3,54%	3,54%
CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA ...	3.729.084,51	0,00	0,00	3.854.948,30	125.863,79	3,38%	3,38%
CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITAD...	2.250.197,63	0,00	0,00	2.322.366,50	72.168,87	3,21%	3,21%
BB IRF-M TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA ...	0,00	4.000.000,00	0,00	4.031.272,48	31.272,48	0,78%	2,28%
RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	27.743,34	0,00	0,00	29.426,86	1.683,52	6,07%	6,07%
Total Renda Fixa	33.638.760,93	14.400.000,00	17.539.613,63	31.573.968,94	1.074.821,64	3,20%	

Disclaimer

Este documento (caracterizado como relatório, parecer ou análise) foi preparado para uso exclusivo do destinatário, não podendo ser reproduzido ou distribuído por este a qualquer pessoa sem expressa autorização da MOSAICO CONSULTORIA. As informações aqui contidas, tem por somente, o objetivo de prover informações e não representa, em nenhuma hipótese, uma oferta de compra e venda ou solicitação de compra e venda de qualquer valor mobiliário ou instrumento financeiro. Trata-se apenas uma OPINIÃO que reflete o momento da análise e são consubstanciadas em informações coletadas em fontes públicas e que julgamos confiáveis.

As informações aqui contidas não representam garantia de exatidão das informações prestadas ou julgamento sobre a qualidade delas, e não devem ser consideradas como tais.

A utilização destas informações em suas tomadas de decisão e consequentes perdas e ganhos não nos torna responsáveis diretos.

As informações deste documento estão em consonância com as informações sobre o(s) produto(s) mencionado(s), entretanto não substituem seus materiais oficiais, como regulamentos, prospectos de divulgação e outros exigidos legalmente. É recomendada a leitura cuidadosa destes materiais, com especial atenção para as cláusulas relativas aos objetivos, aos riscos e à política de investimento do(s) produto(s). Todas as informações podem ser obtidas com os responsáveis pela distribuição, administração, gestão ou no próprio site da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) através do link: <https://www.gov.br/cvm/pt-br>.

Sua elaboração buscou atender os objetivos do cliente, considerando a sua situação financeira e seu perfil de investidor.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e os produtos estruturados e/ou de longo prazo possuem, além da volatilidade, riscos associados à sua carteira de crédito e estruturação. Os riscos inerentes aos diversos tipos de operações com valores mobiliários de bolsa, balcão, nos mercados de liquidação futura e de derivativos, podem resultar em perdas aos investimentos realizados, bem como o inverso proporcionalmente. Todos e qualquer outro valor exibido está representado em Real (BRL) e para os cálculos, foram utilizadas observações diárias, sendo sua fonte o Sistema Quantum Axis e a CVM.

A contratação de empresa de Consultoria de Valores Mobiliários para a emissão deste documento não assegura ou sugere a existência de garantia de resultados futuros ou a isenção de risco. Cabe a Consultoria de Valores Mobiliários a prestação dos serviços de ORIENTAÇÃO, RECOMENDAÇÃO E ACONSELHAMENTO, DE FORMA PROFISSIONAL, INDEPENDENTE E INDIVIDUALIZADA, SOBRE INVESTIMENTOS NO MERCADO DE VALORES MOBILIÁRIOS, CUJA ADOÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO SEJAM EXCLUSIVAS DO CLIENTE (Resolução CVM nº 19/2021).

Na apuração do cálculo de rentabilidade da carteira de investimentos são considerados os recursos descritos no Art. 3º da Resolução CMN nº 5.272/2025, provenientes do recolhimento das alíquotas de contribuição dos servidores, exclusivamente com finalidade previdenciária, excluindo qualquer tipo de recurso recebidos com finalidade administrativa, em consonância com a Portaria MTP nº 1.467/2022, art. 84, inciso III, alínea "a".

Os RPPS DEVEM, independente da contratação de Consultoria de Valores Mobiliários, se adequar às normativas pertinentes e principalmente a Portaria MTP nº 1.467/2022 e suas alterações, além da Resolução CMN nº 5.272/2025, que dispõem sobre as aplicações dos recursos financeiros dos Regimes Próprios de Previdência Social, instituídos pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios e dá outras providências.

Cenário Março 2026

Fatos relevantes no cenário internacional, a escalada de conflitos globais se intensificou com o ataque de Israel/EUA na guerra no Iran, que mataram vários líderes religiosos no Iran. Esse conflito afetou fortemente os preços do petróleo e do dólar. O estreito de Ormuz, por onde passa a produção de petróleo dos países do Oriente Médio é controlada pelo Iran. Os EUA têm reservas suficientes em petróleo, mas Europa e Japão são importadores de petróleo bruto, tendo consequências diretas sofridas pelo bloqueio da rota marítima na zona de guerra. Quando o preço do petróleo aumenta, o dólar tende a se valorizar. O petróleo acumulou alta de quase 50% no mês, tendo o preço do barril atingido máximas de US\$ 119.

No Brasil, conforme divulgado pelo IBGE o IPCA aumentou 0,88% em março, e 4,14% no acumulado de 12 meses. O INPC teve alta de 0,91% em março e acumula alta de 1,87% no ano e 3,77% nos últimos 12

meses. No relatório FOCUS, divulgado em 23/03/2026, a projeção de 2026 do IPCA subiu para 4,17%, a estimativa do PIB subiu 1,84%, o dólar se manteve em R\$ 5,40, a taxa de juros no Brasil subiu para 12,50% em relação ao relatório anterior. Em março o COPOM iniciou um ciclo de cortes de juros, reduzindo a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, reduziu de 15% para 14,75% conforme já havia sinalizado na Ata da reunião de janeiro.

O Tesouro Nacional realizou a recompra de R\$R 50 bilhões de títulos públicos para conter a alta volatilidade e a escalada das taxas de juros futuros, foi um das maiores intervenções da história, superando os volumes da pandemia de 2020.

O Ibovespa fechou março em queda de -0,70%, em 187.461 pontos, sendo que em fevereiro havia atingido 188.787 pontos. Ao longo de 12 meses o índice tem variação positiva de 43,91% e no ano a variação até março, foi de 16,35%.

O dólar teve variação positiva em março, de 1,36% em relação ao real. Ao longo do mês oscilou entre R\$ 5,13 e R\$ 5,32.

Previdência

Em 2026, conforme a política de Investimentos da Previdência a rentabilidade das aplicações financeira terá a meta de **5,49 % +INPC** acumulado ao ano. O saldo do patrimônio investido foi R\$ 428.470.930,49 e o saldo da rentabilidade foi de R\$ 3.907.871,13. A rentabilidade atingida foi de 0,92% e a meta do mês foi 1,38%.

O fundo Caixa Brasil Especial 2026, Caixa Brasil Especial 2027 e Caixa Brasil 2027 tiveram os melhores retornos no mês, eles representam 10,09% do PL da carteira sendo o retorno total da carteira em 0,94%. Na renda variável o retorno sobre o valor total investido no fundo BB AGRO foi de -4,41%. O total de movimentações em Aplicações foi de R\$ 50.578.582,96 e de Resgates foi de R\$ 48.324.535,03. A evolução do patrimônio no ano é de aumento de R\$ 8,50%.

No resultado do 1º trimestre o retorno foi de 3,26% na renda fixa e 8,33% na renda variável. Os melhores retornos foram os fundos de renda fixa em vértices, CAIXA BRASIL ESPECIAL 2026, CAIXA BRASIL ESPECIAL 2027 e CAIXA BRASIL 2027 , na renda variável o melhor retorno foi do fundo BB DIVIDENDOS MIDCAPS.

A rentabilidade não superou a meta porque o desempenho dos índices ANBIMA foi inferior ao CDI.

Assistência

Em 2026, conforme a Política de Investimentos da Assistência à Saúde a meta para rentabilidade das aplicações financeiras está definida **no CDI** acumulado ao ano. O saldo do patrimônio investido foi de R\$ 31.573.968,94 e a carteira apresentou rentabilidade de R\$ 375.819,44. A rentabilidade foi de 1,16% e a meta mensal 1,21%.

Poucos fundos apresentaram a rentabilidade acima da meta do mês, os melhores retornos sobre os valores investidos foram do fundo BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL e BANRISUL ABSOLUTO , eles representam 28,42% do PL da carteira.

O total de movimentações em Aplicações foi de R\$ 7.968.000,00 e de Resgates foi de R\$ 9.211.000,00. O saldo do patrimônio investido diminuiu R\$ 867.180,56, representando -6,14% desde o início do ano. No resultado do 1º trimestre o retorno foi de 3,20% em relação ao saldo inicial, e os melhores retornos do trimestre foram os fundos BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL e CAIXA BRASIL DI, que correspondem a 28,64% do PL da carteira.

A rentabilidade ficou próxima à meta, mas não superou porque a o desempenho dos índices ANBIMA foi inferior ao CDI.

PANORAMA **MARÇO**





Panorama Econômico

SÍNTESE DA LEITURA DO PANORAMA ECONÔMICO DOS PERÍODOS ANALISADOS

O mês de março de 2026 foi marcado por uma palavra-chave: **cautela**. O conflito militar entre **Estados Unidos, Israel e Irã**, deflagrado no final de fevereiro, chegou ao seu pico de incerteza, bloqueando o **Estreito de Ormuz** e empurrando o **petróleo para a casa dos 100 dólares**. Esse choque de energia redesenhou as expectativas globais: a **inflação** voltou a assustar bancos centrais, os **cortes de juros** foram adiados e as **bolsas** oscilaram entre o medo e a esperança de um cessar-fogo.

No **Brasil**, o cenário foi de '**duas velocidades**' com nuances importantes. O **Copom**, pela primeira vez desde maio de 2024, cortou a **Selic**, mas **apenas 0,25 ponto percentual, de 15% para 14,75%**, adotando uma postura mais cautelosa do que o mercado esperava inicialmente. O **Ibovespa**, após atingir os **192 mil pontos em fevereiro**, sofreu uma **correção de quase 6% ao longo de março**, embora tenha encerrado o trimestre como o **melhor desempenho entre as bolsas globais**. O **dólar**, que chegou a **R\$ 5,34** na pior sessão do mês, terminou março em **R\$ 5,18**, um resultado que surpreendeu pela moderação, ancorado pelo **diferencial de juros** e pelo **fluxo de capital estrangeiro**.



INTERNACIONAL

ESTADOS UNIDOS



❖ CURVA DE JUROS

Em março de 2026, a curva de juros americana foi dominada por uma única variável: o **petróleo**. Com o **Estreito de Ormuz bloqueado** pelo conflito com o **Irã**, o barril **WTI disparou para quase 88 dólares** já no final de fevereiro e chegou a **superar os 100 dólares** no pico de março, reacendendo o fantasma da **estagflação**, a combinação perigosa de **inflação alta** com **crescimento fraco**.

O **Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond)** oscilou entre **4,20% e 4,35%** ao longo do mês, pressionado pelo medo de que o choque de energia se traduzisse em **inflação persistente**. A **Nota do Tesouro de 2 anos (T-Note)** subiu para a faixa de **3,60% a 3,80%**, e a curva manteve sua **inclinação positiva (spread de cerca de 55 a 60 pontos-base)** entre os vértices de 10 e 2 anos), sinalizando que o mercado ainda não precifica uma **recessão iminente**, apenas um **crescimento mais lento**.

Para o **Federal Reserve**, o dilema se tornou mais agudo: **cortar juros** para estimular uma economia que desacelera ou **manter o aperto** para combater uma nova onda inflacionária? A resposta veio na reunião de **18 de março, manutenção da taxa em 3,50% a 3,75%**, com projeções revisadas para apenas **um corte de 0,25 ponto percentual** ao longo de 2026.



Panorama Econômico

❖ DOLLAR INDEX (DXY)

O **Dollar Index (DXY)** viveu um mês **volátil**, oscilando entre **98 e 100 pontos**. No pico das **tensões geopolíticas**, o **dólar** funcionou como **porto seguro clássico**, atingindo **100 pontos** e testando a **resistência histórica**. Contudo, à medida que sinais de **cessação das hostilidades** foram emergindo no final de **março**, o índice recuou para a faixa de **99 pontos**, devolvendo parte dos ganhos.

A lógica do mercado foi clara: por um lado, o **medo da inflação importada** empurrou investidores para o **dólar**; por outro, a percepção de que o **Fed** não seria capaz de retomar **cortes agressivos** limitou o interesse por renda fixa americana. No **acumulado do ano**, o **DXY** permanece **abaixo dos 100 pontos**, refletindo ainda os efeitos de longo prazo da perda relativa de credibilidade da política econômica americana sob a gestão Trump.

❖ MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho **americano** continuou seu processo de **moderação gradual** em março de 2026. A **taxa de desemprego** permaneceu estável em **4,4%**, enquanto os **ganhos de emprego** ficaram abaixo das **expectativas históricas**. O **setor de energia** foi o grande beneficiado pelo **conflito geopolítico**, com **contratações acelerando** diante da necessidade de aumentar a **produção doméstica**. Em contrapartida, setores sensíveis ao **consumo**, como **varejo** e **hospitalidade**, mostraram sinais de **arrefecimento**.

Os **salários** seguiram crescendo em torno de **3,8% ao ano**, ritmo que, combinado com a **inflação acima de 2%**, gera uma **pressão real** sobre o **poder de compra das famílias americanas**, mas que também representa um fator de **resiliência para o consumo interno**. Para o **Fed**, esse mercado de trabalho **“nem quente nem frio”** não oferece argumento suficiente nem para **cortar juros** agora nem para **aumentá-los**.

❖ INFLAÇÃO

A inflação americana em março de 2026 voltou a ser protagonista negativa. O **CPI de fevereiro**, divulgado em março, ficou em **2,4% no acumulado de 12 meses**, estável em relação a **janeiro**. No entanto, os dados mais importantes foram as **projeções para março**: economistas estimam que o **CPI de março** apresentará **alta mensal de até 1%**, o **maior avanço desde 2022**, impulsionado pela **disparada da gasolina** após o **bloqueio do Estreito de Ormuz**.

O indicador preferido do **Fed**, o **PCE (Despesas de Consumo Pessoal)**, trouxe sinais ainda mais preocupantes: o **núcleo do PCE de janeiro** subiu **0,4% na comparação mensal**, resultando em **3,1% no acumulado anual**. Isso significa que, mesmo antes do **choque de petróleo**, a **inflação subjacente** já estava perdendo fôlego no caminho de volta à **meta de 2%**. A combinação de um **PCE teimoso** com **energia cara** cria um ambiente difícil para qualquer **banco central**.



Panorama Econômico

❖ JUROS

Na reunião do **FOMC de 18 de março de 2026**, o Federal Reserve manteve os **juros no intervalo de 3,50% a 3,75% ao ano**, em decisão de **11 a 1** (o único voto dissidente foi do diretor Stephen Miran, indicado pelo presidente Trump, que pediu um **corte imediato de 0,25 ponto**). Esta foi a **segunda manutenção consecutiva**, consolidando a pausa no ciclo de afrouxamento iniciado em 2025.

O presidente **Jerome Powell** foi enfático: sem **progresso claro na redução da inflação**, o Fed não reduzirá os **juros**. As novas projeções econômicas (SEP) mostraram **inflação revisada de 2,4% para 2,7%** em 2026, **crescimento do PIB** ligeiramente melhorado para **2,4%** e **desemprego estável em 4,4%**. O chamado **“dot plot”** (*ferramenta usada pelo Federal Reserve para mostrar, de forma visual, as expectativas de cada membro do FOMC sobre a trajetória futura da taxa de juros*) revelou divisão: **7 membros** não veem espaço para cortes em 2026, **7 esperam apenas um corte de 0,25 ponto** e **5 projetam ao menos 0,50 ponto de afrouxamento**. A incerteza geopolítica domina o cenário e o Fed adotou postura de **“primeiro, não causar danos”**.

❖ RENDA VARIÁVEL

As bolsas americanas **viveram** março sob **pressão crescente**. O S&P 500 oscilou entre **perdas** e **recuperações parciais** conforme as notícias sobre o conflito no Oriente Médio, dias de **queda** diante de **escaladas militares** e sessões de **recuperação** quando surgiram **sinais de negociação**. O índice **VIX**, o **termômetro do medo**, permaneceu em **patamares elevados, acima de 20 pontos**, refletindo o **nervosismo dos investidores**.

Os **setores vencedores** foram **energia** e **defesa**, os mesmos de fevereiro. Empresas como **Exxon** e **Chevron** subiram na esteira do **petróleo caro**, enquanto fabricantes de **armamentos** como **Northrop Grumman** e **Raytheon** continuaram sua trajetória de **valorização**. Por outro lado, **tecnologia** e **consumo discricionário** (*significa gastos com bens e serviços não essenciais, como lazer, moda, restaurantes e viagens, que variam conforme o ciclo econômico e a confiança dos consumidores*) sofreram com a perspectiva de **juros altos por mais tempo**, pressionando os múltiplos de avaliação das empresas. Para o restante de 2026, analistas revisaram para baixo as projeções do S&P 500, ajustando as estimativas entre **7.200 e 7.500 pontos**, condicionadas à resolução do conflito geopolítico.



Panorama Econômico

INDICADORES DE ATIVIDADE AMERICANO

❖ PIB

Em março de 2026, os EUA receberam uma notícia dura: o **PIB do quarto trimestre de 2025** foi revisado para apenas **0,7% ao ano**, bem abaixo da estimativa inicial de **1,4%** e distante dos **4,4% do trimestre anterior**. O **shutdown federal de 43 dias** foi o principal responsável, retirando cerca de **1 ponto percentual** do crescimento e mostrando como o governo, em vez de impulsionar a economia, funcionou como um freio. O **consumo das famílias**, que responde por **68% do PIB**, também perdeu força, crescendo apenas **2,0%**, e o resultado anual foi revisado para **2,1%**, o mais fraco desde **2020**.

Apesar do quadro negativo, houve pontos de resiliência: os investimentos em **tecnologia e inteligência artificial** avançaram, com a **propriedade intelectual subindo 7,4%** e os **equipamentos 3,2%**, sinalizando modernização mesmo em ambiente adverso. No mercado de trabalho, o **payroll de fevereiro** registrou corte de **92 mil vagas**, elevando o **desemprego de 4,3% para 4,4%**, reforçando a ideia de uma **“expansão sem empregos”**. Para 2026, o cenário é incerto: o conflito entre EUA, Israel e Irã fez o **petróleo Brent atingir 100 dólares**, aumentando o risco de **estagflação**. Projeções do **FMI** apontam crescimento de **2,4%** em 2026, mas com **inflação PCE em 2,8%**, retornando à meta de **2% apenas em 2027**.

❖ PMI

Em março de **2026**, os indicadores de atividade econômica dos EUA mostraram uma economia dividida. A **indústria** surpreendeu positivamente: o **PMI Industrial da S&P Global** avançou de **51,6 em fevereiro para 52,3 em março**, o melhor nível desde **agosto de 2022**, e o **PMI Manufatureiro do ISM** saltou para **52,7 pontos**, também o mais alto desde **2022**. Esse desempenho, porém, foi influenciado pelo bloqueio do Estreito de Ormuz, que alongou prazos de entrega e elevou custos, distorcendo parte da leitura. O índice de **preços pagos pelas fábricas** atingiu o maior patamar em quase **quatro anos**, refletindo o impacto do petróleo caro e da crise logística.

O contraste veio do **setor de serviços**, que recuou de **52,3 em fevereiro para 49,8 em março**, a primeira contração em meses e o pior nível desde **2023**. O **PMI Composto** caiu para **50,3**, próximo da linha que separa expansão de retração, compatível com um crescimento anualizado de apenas **0,5%**. Com o setor de **Serviços ao Consumidor** registrando a maior queda desde 2009, a economia americana parece **“ceder sob a pressão”** da inflação e da incerteza geopolítica. Para o Fed, o dilema se intensifica: os dados de atividade pedem estímulo, mas a inflação elevada impede qualquer afrouxamento imediato.



Panorama Econômico

ZONA DO EURO



❖ INFLAÇÃO

A inflação na **Zona do Euro**, em março de 2026, voltou a preocupar. O **HICP** (*a medida oficial de inflação usada na União Europeia*) acelerou para **2,3%**, acima dos **1,9% de fevereiro** e da **meta de 2% do BCE**, puxado principalmente pela **energia**, que subiu entre **6% e 8%** após o choque geopolítico. O setor de **serviços** manteve pressão, com inflação em torno de **3,4%**, sustentada por salários ainda em crescimento.

A **inflação núcleo**, que exclui alimentos e energia, também mostrou resistência, ficando próxima de **2,4%**, acima dos **2,2% de fevereiro**. Para o **BCE**, esse movimento indica que a vitória contra a inflação celebrada no início do ano pode estar sendo revertida pelo choque externo. As projeções para o fechamento de 2026 foram revisadas para cima, agora entre **2,0% e 2,2%**, reforçando o desafio de equilibrar preços e crescimento em meio às tensões globais.

❖ JUROS

O **Banco Central Europeu (BCE)**, em março de 2026, manteve as taxas inalteradas, com a **Facilidade Permanente de Depósito em 2,0%** e a **taxa de Refinanciamento em 2,15%**. A presidente Christine Lagarde reforçou a postura de **“espera para ver”**, destacando que o choque de energia precisa ser avaliado antes de qualquer novo movimento. Nesse contexto, o **Euro** perdeu parte da força acumulada em fevereiro, recuando levemente após atingir sua **máxima de quatro anos**, pressionado pelos temores inflacionários reavivados pela crise energética.

O diferencial de juros entre **Brasil (14,75%)** e **Europa (2,0%)** continuou atraindo capital para o mercado brasileiro por meio das operações de **carry trade**, em que investidores se aproveitam da diferença de taxas para buscar retornos maiores. Esse cenário reforça a complexidade da política monetária europeia: enquanto o BCE precisa conter a inflação sem sufocar a atividade, países emergentes como o Brasil se beneficiam do fluxo de capitais em busca de rendimentos mais elevados.



Panorama Econômico

INDICADORES DE ATIVIDADE DA ZONA DO EURO

❖ PMI

O **PMI Composto da Zona do Euro**, em março de 2026, recuou para **50,5 pontos**, uma queda de **1,4 pontos** em relação a fevereiro, sinalizando que a recuperação econômica será mais lenta do que o esperado. O resultado equivale a um crescimento do **PIB de aproximadamente 1% trimestral anualizado** e reflete a divergência entre setores: enquanto os **serviços caíram para 50,1 pontos**, entrando em território de quase contração, a **indústria subiu para 51,4 pontos**, beneficiada por compras antecipadas de estoques diante do risco de rupturas nas cadeias de abastecimento.

Entre os países, a **Alemanha** se destacou positivamente, com gastos em **defesa e infraestrutura** impulsionando a demanda industrial, enquanto a **França** registrou **PMI Composto abaixo de 50**, indicando estagnação. O principal risco apontado foi o **forte aumento nos custos de insumos**, resultado direto do choque no **petróleo e gás natural**, que já começa a se refletir em **preços finais mais altos** para os consumidores europeus.



Panorama Econômico

CHINA



❖ INFLAÇÃO

A inflação na China, em março de 2026, voltou ao centro das atenções. Após o resultado surpreendentemente baixo de **0,2% em janeiro**, distorcido pelo calendário do **Ano Novo Lunar**, o **CPI de fevereiro** acelerou com o retorno das festas e dos gastos sazonais. Já o **PPI** permaneceu em território negativo, mas mostrou sinais de melhora, impulsionado pela alta dos preços de **metais** no mercado global.

Para março, o choque do petróleo começou a se refletir nos custos de **transporte** e na **produção industrial**, aumentando a vulnerabilidade da China, maior importadora mundial da *commodity*. O fechamento do Estreito de Ormuz elevou as pressões sobre os custos de produção e ameaça complicar o quadro **deflacionário** que o governo vinha tentando combater com estímulos, tornando o desafio da política econômica ainda mais delicado.

❖ JUROS

O **Banco Popular da China (PBOC)**, em março de 2026, manteve suas principais taxas de juros inalteradas, com a **LPR de 1 ano em 3,0%** e a de **5 anos em 3,5%**. Diante das pressões externas, o Banco Central preferiu adotar cautela, utilizando instrumentos de **liquidez de curto prazo** para administrar o sistema financeiro sem recorrer a cortes generalizados.

O dilema permanece: a **inflação ainda baixa** teoricamente abre espaço para afrouxamento monetário, mas as **margens de lucro estreitas dos bancos** e a necessidade de **estabilidade cambial** limitam a ação. Assim, o suporte à economia deve vir de forma **direcionada**, por meio de **subsídios, crédito setorial e investimentos em infraestrutura**, em vez de reduções amplas nas taxas de juros.



Panorama Econômico

INDICADORES DE ATIVIDADE CHINÊS

❖ PIB

A economia da China, em março de 2026, trouxe sinais mistos: de um lado, os dados de atividade de **janeiro e fevereiro** surpreenderam positivamente, com a **produção industrial avançando 6,3%**, acima das expectativas de **5,3%** e do resultado de **5,2% em dezembro**, impulsionada pela demanda global por tecnologia ligada à **inteligência artificial**. O setor de **serviços** também mostrou força, crescendo **5,2%** no bimestre. Outro alívio veio do **investimento em ativos fixos**, que após cair **3,8% em 2025**, registrou alta de **1,8%** nos dois primeiros meses de 2026, com destaque para a **infraestrutura**, que saltou **11,4%** graças ao financiamento de bancos públicos.

O ponto frágil continua sendo o **consumo doméstico**, com as **vendas no varejo crescendo apenas 2,8%**, insuficiente para reequilibrar uma economia ainda dependente de exportações e obras públicas. As famílias respondem por menos de **40% do PIB**, bem abaixo da média global, e o aumento dos custos de energia após o bloqueio do **Estreito de Ormuz** ameaça piorar esse quadro. Para 2026, a meta oficial de crescimento entre **4,5% e 5%** já era cautelosa, mas as tensões geopolíticas e o choque energético tornam o alvo difícil. A **ONU projeta 4,6%**, mas alerta que a China, como maior importadora de petróleo do mundo, enfrenta pressão adicional: cada dólar a mais no barril encarece a indústria, o transporte e o consumo, justamente quando o país mais precisa de preços favoráveis para estimular a demanda interna.

❖ PMI

Em março de **2026**, os indicadores de atividade da **China** mostraram uma recuperação mais clara do que em fevereiro, com os dois principais PMIs apontando para expansão, ainda que moderada. O **PMI oficial de manufatura (NBS)** subiu de **49,0 para 50,4**, encerrando dois meses de contração e atingindo o nível mais alto desde março de **2025**. A retomada refletiu o fim das distorções do **Ano Novo Lunar**, com os **novos pedidos domésticos avançando de 48,6 para 51,6** e a **produção de 49,6 para 51,4**, ambos voltando ao campo positivo. Até os pedidos de exportação melhoraram, passando de **45,0 para 49,1**, embora ainda abaixo da linha de expansão. O **PMI privado (S&P Global)** também manteve sinal positivo, em **50,8**, marcando o quarto mês consecutivo de crescimento, com destaque para a maior sequência de criação de empregos industriais desde **2021**.



Panorama Econômico

O ponto de alerta veio dos **custos**, que dispararam para os maiores níveis em quatro anos, tanto no índice oficial quanto no privado, pressionados pelo choque no **petróleo** e nos **metais não ferrosos** após o fechamento do Estreito de Ormuz. No setor de serviços, o **PMI não manufatureiro (NBS)** saiu da contração, subindo de **49,5 para 50,1**, puxado por telecomunicações, transporte ferroviário e serviços financeiros, enquanto varejo e hospedagem ainda recuaram. No consolidado, o **PMI Composto oficial** avançou para **50,5**, e o privado recuou para **51,5**, ainda em expansão. O quadro geral é de uma China que voltou a crescer, apoiada em gastos públicos e demanda externa ligada à **IA**, mas com um novo risco evidente: a explosão dos custos pode reduzir margens industriais, acelerar a inflação ao produtor e limitar a capacidade do **PBOC** de oferecer estímulos adicionais sem reacender pressões inflacionárias.



Panorama Econômico

BRASIL



❖ JUROS

O grande destaque no Brasil, em março de 2026, foi a decisão histórica do **Copom** de iniciar o ciclo de afrouxamento monetário. Na reunião de **18 de março**, o **Banco Central** reduziu a **Selic de 15% para 14,75% ao ano**, um corte de **0,25 ponto percentual**, o primeiro desde **maio de 2024**. A decisão foi **unânime entre os 7 membros presentes** e refletiu a cautela diante do choque geopolítico, já que o mercado esperava uma redução maior, de **0,50 ponto**. O comunicado deixou claro que o caminho da queda de juros está aberto, mas a velocidade dependerá da evolução do cenário internacional e doméstico.

O Banco Central também revisou para cima suas projeções de inflação para 2026, de **3,4% para 3,9%**, em função das incertezas sobre commodities e câmbio. Mesmo com a Selic em trajetória de queda, o Brasil continua ostentando o **maior juro real do mundo**, com taxa próxima de **10% ao ano**, o que reforça tanto a atratividade para investidores quanto o peso sobre a atividade econômica interna.

❖ INFLAÇÃO

O IPCA subiu **0,88%**, em março de 2026, acima das projeções de **0,54% a 0,74%** e bem acima de **0,70% em fevereiro** e **0,33% em janeiro**. O maior impacto veio de **Alimentação e Bebidas (+0,88%)**, especialmente da alimentação no domicílio (**+1,10%**). Itens básicos tiveram altas expressivas: **açai (+29,95%)**, **feijão-carioca (+19,69%)**, **ovo de galinha (+7,54%)**, **leite longa vida (+4,46%)** e **carnes (+1,45%)**, pressionando diretamente o orçamento das famílias.

Nos **Transportes**, houve contraste: **passagens aéreas (+5,94%)** e **ônibus intermunicipais** subiram, enquanto os **combustíveis (-0,03%)** recuaram levemente, com quedas na **gasolina (-0,08%)**, **etanol (-0,61%)** e **gás veicular (-2,27%)**; já o **óleo diesel (+3,77%)** refletiu reajuste da Petrobras. Outros grupos também pesaram: **Habitação (+0,24%)** e **Despesas Pessoais (+0,82%)**. Regionalmente, **Recife** teve a maior alta, enquanto **Curitiba** registrou deflação de **-0,06%**. O resultado levou o **Boletim Focus** a revisar a projeção anual do IPCA para **4,36%**, aumentando a pressão sobre o **Banco Central** na condução dos cortes da **Selic**.



Panorama Econômico

INDICADORES DE ATIVIDADE BRASILEIRO

❖ PMI

Os indicadores de atividade do Brasil, em março de 2026, mostraram sinais de melhora, ainda que tímidos. O **PMI Industrial** avançou de **47,3 em fevereiro para 49,0 em março**, marcando a contração mais lenta em quase um ano. Embora o índice siga abaixo da linha de **50 pontos**, que separa retração de expansão, o movimento sugere que o setor industrial começou a sentir os primeiros efeitos positivos do início do ciclo de cortes da **Selic**, mesmo que de forma gradual.

No setor de serviços, o **PMI** permaneceu em território de expansão, garantindo que o **PMI Composto** se mantivesse acima de **50 pontos**. O setor terciário continua sendo o grande amortecedor da economia brasileira, sustentado por um mercado de trabalho resiliente e pelo otimismo gerado pela proximidade da **Copa do Mundo**. A confiança empresarial, ainda moderada, mostrou melhora em relação a fevereiro, refletindo o impacto psicológico do início do afrouxamento monetário e reforçando a expectativa de que a atividade econômica possa ganhar tração ao longo do ano.

❖ CÂMBIO

O câmbio brasileiro, em março de 2026, viveu momentos de forte tensão. Com a escalada do conflito no Oriente Médio, o **dólar chegou a R\$ 5,34 em 13 de março**, o maior patamar desde janeiro, obrigando o **Banco Central** a intervir com leilões de venda de dólares para conter a volatilidade. Apesar disso, o **real** mostrou resiliência e encerrou o mês em **R\$ 5,18**, desempenho que surpreendeu os analistas.

Essa força foi atribuída a três fatores principais: o **diferencial de juros**, já que mesmo após o corte a **Selic em 14,75%** mantém o Brasil com um dos maiores juros reais do mundo; o **fluxo comercial favorável**, com ingressos externos acima da média histórica, inclusive via mercado de ações; e a **perda de força do dólar global**, que sob a gestão Trump deixou de ser visto como porto seguro absoluto, abrindo espaço para moedas emergentes bem ancoradas como o real. No acumulado do **primeiro trimestre de 2026**, o dólar caiu **5,65% frente ao real**, o melhor desempenho entre as principais moedas globais. Para o restante do ano, o mercado projeta o dólar entre **R\$ 5,40 e R\$ 5,50**, com riscos ligados à duração do conflito no Oriente Médio e ao ritmo dos cortes da Selic.



Panorama Econômico

❖ BOLSA DE VALORES

O **Ibovespa**, em março de 2026, viveu uma verdadeira montanha-russa. O índice começou o mês tentando sustentar os recordes históricos de fevereiro, quando chegou a **192.624 pontos intradia**, mas o conflito geopolítico esfriou o apetite por risco e levou a uma queda de **0,70% no mês**. Ainda assim, o primeiro trimestre encerrou com uma alta expressiva de **13,6%**, o melhor desempenho desde o fim de 2020, mostrando que o otimismo estrutural segue presente.

A dinâmica refletiu dois mercados distintos: as ações de **energia** (como **Petrobras, Prio e PetroRecôncavo**) se valorizaram com o petróleo caro, enquanto setores mais sensíveis aos **juros e ao consumo**, como varejo, tecnologia e construção, sofreram com a perspectiva de cortes mais lentos da Selic. O índice fechou março em torno de **187.000 pontos**, abaixo dos recordes, mas sustentado pelo ingresso de quase **R\$ 42 bilhões de fluxo estrangeiro** no trimestre. O **IDIV**, índice de dividendos, teve desempenho ainda mais robusto, com alta de **15,13%**, reforçando a preferência dos investidores por empresas resilientes e com geração de caixa previsível. Para o restante de 2026, as projeções variam entre **190 mil e 235 mil pontos**, dependendo do cenário geopolítico e do ritmo da política monetária.

❖ RENDA FIXA

Os títulos atrelados ao **IPCA** foram os protagonistas de março, mas com desempenhos distintos conforme o prazo. O **IMA-B Geral** registrou retorno de **1,79%**, enquanto o **IMA-B 5** (papéis de vencimento mais curto) avançou **1,39%**. Já o **IMA-B 5+** (títulos acima de cinco anos) acabou ficando no negativo, **com queda de 0,78%**, refletindo a pressão das taxas longas diante do choque do petróleo e da maior incerteza inflacionária. Esse contraste mostra como o ambiente externo impactou de forma desigual os diferentes segmentos da renda fixa indexada à inflação.

Para quem apostou em **taxas fixas**, março trouxe um cenário de cautela. O **IRF-M** registrou queda de **0,59%**, refletindo a pressão sobre os prefixados. Curiosamente, os títulos de **curto prazo (IRF-M 1)** tiveram desempenho positivo, com alta de **1,02%**, superando os de **longo prazo (IRF-M 1+)**, que recuaram **1,21%**. O contraste evidencia como a incerteza inflacionária e o choque externo afetaram mais intensamente os papéis de vencimento longo, enquanto os curtos conseguiram entregar retorno mesmo em um ambiente desafiador.

O **IMA-S (Tesouro Selic)** manteve a atratividade das posições pós-fixadas, acompanhando a taxa básica em **14,75%**, e entregou um retorno de **1,27% no mês**. Já o **IMA-Geral** cumpriu sua função de diversificação, registrando alta de **0,55%**, suavizando os impactos das oscilações em outras classes de ativos e consolidando o papel da renda fixa como pilar de estabilidade em um cenário de incerteza.



Panorama Econômico

CONCLUSÃO, PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

Março de 2026 foi um verdadeiro teste de estresse para o sistema financeiro global. O **conflito no Oriente Médio** funcionou como uma lente de aumento sobre as fragilidades de cada região: nos **Estados Unidos**, ficou evidente que a inflação ainda não estava sob controle; na **Europa**, a recuperação industrial mostrou-se mais frágil do que se imaginava; na **China**, a dependência energética expôs um risco estrutural ao crescimento.

No **Brasil**, o choque externo coincidiu com um momento político delicado para o início do ciclo de afrouxamento monetário. Ainda assim, o **Copom** deu o primeiro passo com firmeza e prudência, sinalizando que, mesmo em meio às turbulências globais, a política monetária brasileira buscava equilibrar cautela e credibilidade.

Esse contraste entre vulnerabilidades externas e a decisão interna do Brasil reforça como março foi um mês que não apenas revelou fragilidades, mas também testou a capacidade de cada economia de reagir diante de pressões simultâneas.

PERSPECTIVAS

O **segundo trimestre de 2026** será marcado por três variáveis que se entrelaçam: a duração do conflito no Oriente Médio, o comportamento da **inflação global**, especialmente nos Estados Unidos, e o ritmo dos **cortes da Selic** no Brasil.

Se houver uma solução diplomática nos próximos meses, o **petróleo** pode recuar para a faixa de **US\$ 80**, aliviando pressões inflacionárias e permitindo que **Fed** e **BCE** retomem a discussão sobre cortes de juros. Nesse cenário, o Brasil estaria bem posicionado: com juros ainda elevados, o **real** seguiria atraindo capital externo e o **Ibovespa** poderia retomar a trajetória de recordes.

Por outro lado, se o conflito se prolongar, o choque energético se tornará estrutural, forçando revisões de alta na inflação global e adiando indefinidamente cortes de juros nos países desenvolvidos. Esse ambiente de **risk-off prolongado** (*é o movimento de aversão ao risco, geralmente motivado por crises geopolíticas, choques de energia, ou sinais de inflação persistente*) traria mais pressão sobre o real e tornaria o ciclo de cortes do **Copom** ainda mais gradual. O Brasil possui o chamado "**bilhete dourado**" entre os emergentes, juros altos, fluxo externo e fundamentos sólidos, mas precisa de um ambiente internacional minimamente favorável para aproveitar plenamente esse diferencial.



Panorama Econômico

RECOMENDAÇÃO

Diante do cenário atual e das perspectivas, recomenda-se que o RPPS adote uma estratégia de investimentos equilibrada, priorizando segurança e liquidez, mas sem deixar de aproveitar oportunidades gradualmente emergentes. De forma prática, a orientação é:

- **Manter participação em renda fixa pós-fixada (CDI, GESTÃO LIVRE e IRFM 1)**, aproveitando o retorno elevado proporcionado pela Selic no curto prazo.
- **Manter e avaliar aumento gradual de posições em IPCA+ (IMA B 5)**, buscando proteção contra inflação e alongamento de duration com cautela.
- **Considerar incremento moderado em renda variável**, priorizando setores defensivos e ativos com fundamentos sólidos.
- **Avaliar exposição internacional** como instrumento de diversificação e proteção contra riscos domésticos.
- **Reforçar análise de crédito privado (LF, CDB, FIDC)**, priorizando emissores de alta qualidade e com rating consistente.

A estratégia mais adequada para o momento é de **gestão ativa com foco em preservação de capital**, mas já incorporando movimentos graduais para capturar ganhos futuros, alinhada à Política de Investimentos e ao perfil previdenciário de longo prazo.

Diego Lira de Moura
Economista
Consultor de Valores Mobiliários

Marcelo Silva
Contabilista
Especialista em Investimentos CEA



Panorama Econômico

PRÓ GESTÃO-NÍVEL

		COMUM	I	II	III	IV
RENDA FIXA		100,00%	100,00%	50,00%	40,00%	35,00%
LONGUÍSSIMO PRAZO	IMA-B 5+	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
LONGO PRAZO	IMA-B	5,00%	5,00%	2,50%	2,50%	2,50%
	IMA-GERAL	5,00%	5,00%	2,50%	2,50%	2,50%
GESTÃO DURATION		5,00%	5,00%	5,00%	5,00%	5,00%
MÉDIO PRAZO	IMA-B 5 /IDKA 2A	70,00%	70,00%	12,50%	2,50%	2,50%
	IRFM / IRFM 1+	5,00%	5,00%	2,50%	2,50%	2,50%
CURTO PRAZO	CDI	0,00%	0,00%	5,00%	0,00%	2,50%
	GESTÃO LIVRE	0,00%	0,00%	2,50%	2,50%	0,00%
	IRFM 1	10,00%	10,00%	2,50%	2,50%	0,00%
TÍTULOS PRIVADOS	LF / CDB	0,00%	0,00%	15,0%	15,00%	15,00%
	FIDC / CRÉDITO PRIVADO	0,00%	0,00%	0,00%	5,00%	5,00%
RENDA VARIÁVEL		0,00%	0,00%	50,00%	50,00%	55,00%
FUNDOS DE AÇÕES		0,00%	0,00%	47,00%	42,00%	42,50%
MULTIMERCADOS	NACIONAL	0,00%	0,00%	1,50%	1,50%	2,50%
	INTERNACIONAL	0,00%	0,00%	1,50%	1,50%	2,50%
FUNDOS DE PARTICIPAÇÕES		0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,50%
FUNDOS IMOBILIÁRIOS		0,00%	0,00%	0,00%	5,00%	5,00%
INVESTIMENTO NO EXTERIOR		0,00%	0,00%	0,00%	10,00%	10,00%
FUNDOS DE INV. NO EXTERIOR		0,00%	0,00%	0,00%	10,00%	10,00%